

# ENTREVISTA

## Revista Teopraxis

v. 39, n. 133, Passo Fundo,

p. 6-9, Jul./Dez./2022,

ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v39i133.139

\* Agenor Brighenti é doutor em Ciências Teológicas e Religiosas na Universidade Católica de Louvain (Bélgica), especializado em Pastoral Social e Planejamento Pastoral pelo Instituto Teológico-Pastoral do Celam (Medellín) e licenciado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Tubarão, SC). Foi perito do Celam na Conferência de Santo Domingo e da CNBB em Aparecida.

E-mail: [agenor.brighenti@gmail.com](mailto:agenor.brighenti@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-9399-2621>

## METODOLOGIA PASTORAL

### Entrevista com Agenor Brighenti\*

“*A pastoral dá o que pensar*” é o título de uma das obras escritas pelo teólogo e pastoralista brasileiro Agenor Brighenti. Essa concepção está em consonância com a ideia de que a pastoral configura a razão de ser da Igreja, uma vez que ela existe para ser continuadora da missão de Jesus e seu Reino. A pastoral enquanto desencadeamento da prática de Jesus ocupa lugar fundamental na vida eclesial e este é um dos motivos que nos conduziu a refletir essa temática nesta edição da revista.

A Revista Teopraxis, ao longo de sua trajetória, ocupou-se em fazer ecoar a reflexão teológica a partir da realidade, visto compreender que boas teorias são gestadas no seio da vida eclesial. É nessa perspectiva que os temas sobre Metodologia Pastoral e processos de evangelização recebem um destaque especial nesta edição.

É um prazer para nós podermos estabelecer essa interlocução mais direta a partir de questões articuladas ao dossiê da revista e às pesquisas desenvolvidas por Brighenti. Por isso, as questões colocadas ao autor versam sobre a metodologia, a espiritualidade, a sinodalidade – novidade proposta por Francisco, os desafios para a missão da Igreja no contexto marcado pelas involuções eclesiais, a conjuntura atual perpassada pelo negacionismo da ciência, a fome que assola mais de trinta milhões de brasileiros etc.

#### 1 Quais os principais elementos da metodologia participativa? Qual o modelo eclesial que esta metodologia combate?

Método não é apenas uma técnica. Dele fazem parte conteúdo e também o sujeito. No âmbito da ação pastoral, a metodologia precisa conjugar Evangelho, realidade e comunidade eclesial. Como a mensagem evangélica aponta para a fraternidade intra e extra eclesial em um contexto marcado pela injustiça e a exclusão, uma metodologia a de planejamento pastoral precisa ser uma pedagogia de comunhão e de conversão à realidade. Ela contribui para a superação do modelo de Igreja centralizado no padre e na paróquia massiva e sacramentalizadora, a pastoral de conservação, expressão de uma Igreja autorreferencial, assim como do modelo eclesial espiritualizante e apologético, a pastoral coletiva, em uma postura hostil frente a um mundo que supostamente conspira contra a Igreja. Não há conversão ao Evangelho sem conversão à realidade e à comunhão fraterna, pois evangelizar é antes de tudo não ignorar e nem impor. Daí os princípios da metodologia participativa: intervenção de todos, discernimento comunitário, decisão partilhada e ação desconcentrada.



## 2 Qual a relação entre metodologia participativa e a espiritualidade do seguimento de Jesus?

Seguimento de Jesus é continuação de sua obra, o Reino de Deus. É colocar-se atrás dele, como discípulo. É colocar-se no caminho dele, pois ele é o Caminho. É ir fazendo acontecer a transcendência “na” imanência da história, na precariedade do presente, sempre impregnado de eternidade, por mais contraditório que seja. A metodologia participativa também põe as pessoas a caminhar, pois privilegia o processo aos resultados. Mais importante que buscar resultados é colocar-se no caminho, é fazer processo, pois deste depende um bom resultado. Sobretudo porque o Evangelho pede a eficácia da fé, que passa pela cruz, e não a eficiência ou o êxito a todo preço, que é a meta de uma cultura mercadológica. O Papa Francisco tem frisado que o tempo é superior ao espaço. O processo ao sucesso. O tempo do Evangelho é *kairós* e não *chronos*, pois o fim está no caminho. Na escatologia cristã o fim não está no final (*chronos*), mas na antecipação do fim no caminho (*kairós*).

## 3 Comente qual a relação: pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral?

O lugar da teologia não é a academia. Enquanto inteligência reflexa da ação da Igreja no mundo, seu lugar natural é o caminhar da comunidade eclesial, inserida profeticamente na sociedade. A teologia é um “momento segundo” (reflexão) de um “momento primeiro” (a práxis pastoral). Uma boa teologia não cai do céu, brota da realidade. A teologia precisa ter, necessariamente, uma dimensão pastoral. Uma teologia que não se articula na pastoral não serve para a Igreja e se não for uma pastoral inserida no mundo, não serve para a humanidade. É sal que perdeu sua força e só serve para ser pisado e descartado. Por outro lado, a pastoral não é um receituário de ações pragmáticas e pontuais, de práticas isoladas. Enquanto encarnação do Reino de Deus, pressupõe uma fé vivida, consciente e conseqüente com seu contexto. A fé não é um ato “da” razão, mas precisa ser um ato “de” razão para ser razoável, longe de fanatismos, digna do ser humano, a quem Deus se propõe e não se impõe. Uma pastoral sem teologia é pragmatismo amador, sem profissionalismo, sem ciência, sem poder dar razões ao que se faz.

## 4 Que relação tem a sinodalidade com a metodologia e os processos de planejamento pastoral?

Sinodalidade é o *modus vivendi et operandi* da Igreja, o modo da Igreja viver e agir. Infelizmente, nem sempre e nem em todo lugar é assim. Ainda há resquícios, quando não há vigência, de uma Igreja configurada no binômio *clero-leigos* e não no binômio *comunidade-ministérios*. Prova disso, é o clericalismo ainda reinante, de clérigos e de leigos clericalizados, com o agravante da cópia ser sempre pior que o original. Em uma Igreja piramidal, alguns planejam “para” os outros executarem, no exercício de um poder-dominação. Já em uma Igreja sinodal, o sujeito do planejamento é a própria comunidade eclesial, no exercício de um poder-serviço. Na Igreja, os ministros ordenados não têm o monopólio do poder, pois este não deriva do sacramento da Ordem, mas do sacramento do Batismo. Daí o sonho do Papa Francisco, expressado no Sínodo da Amazônia, de “uma cultura eclesial marcadamente laical”. No primeiro milênio, reinava um princípio genuinamente sinodal: “o que diz respeito a todos, deve ser discernido e decidido por todos”. O planejamento participativo se caracteriza por algo parecido: “quem não participou do processo de tomada de decisão, não tem nenhuma obrigação de participar no processo de execução”.

## 5 A pandemia revelou muitas mazelas no seio social, uma multidão de invisíveis. Como Igreja, o que podemos aprender com a pandemia?

Não perder de vista o real da realidade, em um mundo que tende a virtualizar a realidade. O negacionismo da ciência mata e explica porque o Brasil com 3% da população mundial tenha tido 12% dos mortos. A fome de mais de trinta milhões de brasileiros delata o cinismo dos satisfeitos. Estão associados terraplanistas, negação da vacina, armamentismo, homofobia, machismo, ultraliberalismo, autoritarismo, fundamentalismo religioso e autodenominados de direita contra a esquerda, dita comunista. A ideologia cega, corrói a liberdade e o senso crítico, torna massa de manobra, aposta em messianismos e torna incapaz de conviver com os diferentes e de aprender com as diferenças. Uma boa parte dos católicos no Brasil está nesta fileira, resultado de três décadas de involução eclesial em relação à renovação do Vaticano II, que precederam o atual pontificado. Temos o refluxo de modelos de pastoral de um passado sem retorno, o encolhimento da pastoral social e da inserção profética da Igreja na sociedade, assim como os preconceitos contra as comunidades eclesiais de base e o fortalecimento do catolicismo pentecostal, que contribuíram para o deterioro da cidadania, um grande desafio a reverter.

## 6 O que metodologicamente diz o processo de escuta sinodal proposto pelo Papa Francisco? Em que consiste sua novidade?

Uma Igreja sinodal é a Igreja da renovação do Vaticano II que, por sua vez, é uma “volta às fontes” bíblicas e patrísticas, das quais a Igreja do segundo milênio havia praticamente perdido de vista. O que o Papa Francisco está fazendo, apoiado em Aparecida e na tradição libertadora da Igreja na América Latina, é retomar o Concílio. O que parecia uma batalha perdida, transforma-se em uma esperança renovada. A grande chaga é o clericalismo, o ponto de estrangulamento da sinodalidade, que voltou com força, na esteira de uma re-sacerdotização<sup>1</sup> do presbítero, que o Vaticano II havia superado. Por sua vez, o clericalismo tem subjacente a sacerdotização do próprio cristianismo, que historicamente adquiriu o perfil de uma religião sacrificial, com o presbítero transformado em sacerdote separado do povo e reduzido a uma função cultural e fonte de todo poder. Cristianismo não se conjuga com clericalismo, que tem no batismo a fonte de todos os ministérios. A novidade do Papa Francisco é a coragem de desencadear um processo de sinodalização da Igreja de baixo para cima, a partir das Igrejas Locais, situando a colegialidade episcopal no seio da sinodalidade eclesial, inclusive o Primado. O processo vai exigir a superação de uma Igreja piramidal, com uma conseqüente mudança de estruturas e do perfil dos ministérios ordenados, para dar lugar a uma Igreja toda ela ministerial, na radical igualdade em dignidade de todos os ministérios.

## 7 Quais caminhos e métodos seriam necessários para a juventude se sentir mais atraída e acolhida pela igreja neste tempo novo que estamos vivendo?

Mais que o futuro, a juventude já é o presente da Igreja e da sociedade. Ela vive tempos difíceis: de triunfo do indivíduo solitário, que põe em crise o compromisso

1 A rigor, o cristianismo não tem “sacerdotes” tal como no judaísmo e nas religiões do mundo greco-romano. O que no antigo Povo de Deus eram funções de “classes” religiosas distintas – sacerdotes, profetas e reis – no novo Povo de Deus, pelo Batismo, todo cristão passa a fazer parte de um povo todo ela profético, régio e sacerdotal, o denominado *tria munera ecclesiae*. Entretanto, quando o memorial da Páscoa se torna “sacrifício”, começa um processo de “sacerdotização” do cristianismo, que será hegemônico na Igreja do segundo milênio. A liturgia se clericaliza, passando a ser celebrada somente pelo “sacerdote”, de costas para o povo, num presbitério (o “Santo dos Santos”) separado da nave do templo de onde os leigos assistem. O Vaticano II, em sua volta às fontes, des-sacerdotizou o cristianismo e o presbítero. Para o Concílio, dado que pelo Batismo o Povo de Deus constitui um povo todo ele profético, régio e sacerdotal (LG 31), na Liturgia, o ministro ordenado preside uma assembleia toda ela celebrante. Com isso, o padre deixa de ser chamado “sacerdote”, pois é um presbítero que preside uma assembleia toda ela sacerdotal.

comunitário; de encolhimento da utopia no momentâneo, que leva ao presentismo ou ao pragmatismo docotidiano; de crise da racionalidade e da ciência, com tendência a pautar-se pelas sensações na inesgotável experimentação do presente; de busca de segurança diante da sensação de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, porta aberta para agarrar-se à falsa segurança do emocionalismo e do fundamentalismo, etc. Não por nada, a juventude se tornou mais conservadora, tanto na Igreja como na sociedade. É preciso ajudá-la a superar uma possível visão retrospectiva e catastrófica da realidade, condição para a tessitura do risco, a única garantia do futuro. É mais próprio do jovem uma visão prospectiva da história, que faz da esperança uma virtude ativa, capaz de criar o novo, que sempre vem da periferia.

## **8 A quais fatores se deve o não avanço na diversificação dos ministérios na Igreja, que praticamente não evoluíram desde 1970?**

Um deles é a visão fossilizada da Tradição, que é tradicionalismo, pois, como diz o Vaticano II, a “tradição” progride, é viva, continuamente precisa ser redefinida para poder ser suporte a uma ação evangelizadora, que necessita responder aos desafios de cada contexto e de cada época. Como dizia Dom Hélder, “a Igreja precisa mudar muito, continuamente, para ser sempre a mesma Igreja de Jesus Cristo”. Junto com o tradicionalismo está o medo de avançar, de inovar, de criar. O medo exagera o perigo, cria monstros, profetas de calamidades, paralisa, faz retroceder e agarrar-se às velhas seguranças do passado. Somos depositários de uma fé abraâmica, uma fé pascal, de travessia e não do aconchego de um porto seguro ou de uma tenda no Monte Tabor. Mas, somente os livres inovam e criam, estão habitados pela esperança. No tradicionalismo há medo dos leigos e de suas organizações; medo das mulheres e de seu jeito diferente de ver a verdade; medo do exercício de um poder democrático, que eliminaria o magistério; medo de padres casados e com família; medo dos cristãos se engajarem no mundo e secularizar sua fé, etc. Entretanto, desconfiar dos outros é desconfiar de Deus, pois como discípulos de Jesus Cristo, o primeiro ato de fé é confiar nele que confiou em nós.

## **9 Na obra “O Novo Rosto do Clero”, o senhor comenta sobre a pastoral para os “padres novos” em novos tempos. Quais são os influxos, delineamentos e perspectivas pastorais a partir de um novo modo de ser dos novos presbíteros?**

“Padres novos” não é uma categorização meramente cronológica. Há padres ordenados recentemente, assim como padres da geração passada, que estão alinhados à renovação do Vaticano II, que reconciliou a Igreja com o mundo moderno e a situou no seio da sociedade, em uma postura de diálogo e serviço. Mas, também há padres da geração anterior e padres ordenados nas últimas décadas que tomam distância da renovação conciliar e da tradição libertadora da Igreja na América Latina. A diferença é que a maioria dos padres recém-ordenados está entre estes últimos. Vai de encontro ao que acontece com os jovens também na sociedade, assim como com outros segmentos da Igreja e da sociedade. Por um lado, os “padres novos” mantêm um relacionamento mais próximo com o povo, usam mais os meios de comunicação modernos na evangelização; por outro, têm especial apreço a um perfil mais sacerdotal do presbítero, com grande esmero nas alfaías litúrgicas e trajes clericais; estão mais inclinados ao estilo de uma vida cômoda, que usufrui de todas as benesses de uma sociedade de consumo e tecnificada, etc. Isso tem levado na experiência religiosa, ao deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Ao mesmo tempo que se deve estar abertos a acolher as novidades que trazem, o grande desafio é ajudá-los a descobrir a renovação do Vaticano II, pois são eles os que estão melhor posicionados para fazer uma “segunda recepção” do Concílio no novo contexto em que vivemos.